



A escola como espaço das paixões alegres: a contribuição do pensamento de Spinoza ao ensino da Filosofia (em processo)

Por ERONDINA S. DE ARAUJO

dina1308araujo@gmail.com

A escola como espaço das paixões alegres: a contribuição do pensamento de Spinoza ao ensino da Filosofia.

Trazer a teoria da afetividade construída por Spinoza para o contexto escolar brasileiro significa uma tentativa de compreender como os afetos ativos e passivos se desenvolvem entre os atores envolvidos na atual conjuntura educacional brasileira, em especial, nas escolas públicas periféricas da cidade do Rio de Janeiro. Para logra tal êxito, este texto se propõe a delinear nas linhas que se seguem a origem e natureza dos afetos segundo o pensador holandês assim como o desenvolvimento destes entre os discentes, docentes e equipe pedagógica. Quer dizer, como podemos transitar entre os gêneros de conhecimento afastando-se da condição de passividade e/ou servidão e nos aproximarmos gradativamente do reino da liberdade e/ou da autonomia. Neste caso, tornando-nos seres mais ativos, mais úteis e mais éticos. Algo fundamental para o andamento/desenvolvimento do exercício social. Sendo assim, iniciaremos com a apresentação, ainda que breve, do pensamento de Spinoza.

Para o pensador holandês, conhecer verdadeiramente é conhecer pela causa. Para tanto, é preciso estabelecer uma cartografia dos nossos afetos para que possamos transitar de um gênero de conhecimento ou modo de percepção a outro. Sobre o primeiro gênero de conhecimento, *imaginação* ou *opinião*, que é inadequado e parcial, Spinoza nos fala das paixões alegres, quer dizer, mesmo no âmbito da imaginação somos capazes de realizar bons encontros e estes fornecem a ocasião para o nascimento dos afetos ativos que são do domínio da razão.

Além disso, em Spinoza, há uma espécie de *terapia cognitiva* onde nos desenvolvermos intelectualmente, paralelamente, nos desenvolvemos eticamente. Percebe-se, que a ética





spinozana está totalmente entrelaçada à teoria do conhecimento, quer dizer, um indivíduo só pode agir de maneira ética na medida em que ele compreende as causas que o determinam.

Para Spinoza, conhecer verdadeiramente é conhecer pela causa. Ser para Spinoza é ser uma infinidade de coisas. Deus definido como *causa sui* de substância, de atributo e de modo, daí ser o pensador da universalidade. Ser infinito ou substância (*causa sui*) é ser causa de si, portanto o homem não é causa de si, há uma dependência dentro da natureza. Seu método é geométrico sintético quer uma ordem de conhecimento que procure o real. Neste aspecto, ele difere de Descartes que inicia seu processo pela dúvida, ou seja, ele parte do efeito para chegar a causa. Para o pensador holandês, o método cartesiano que tem a dúvida como o aspecto principal supõe a crença do livre-arbítrio e para o pensador em questão liberdade como poder de escolha repousa na ilusão. O retrato do homem livre para Spinoza não é aquele ausente de afetos, mas o que possui moderação. Não existe oposição entre racionalidade e afetividade, mas o que ele prova ao longo da Ética é que o afeto que nasce do exercício da racionalidade é mais sereno, interiorano. Portanto, para o pensador, o exercício das ciências intelectuais gera a liberdade que não pode ser confundida com o livre-arbítrio.

Ao afirmar que há uma única substância que se expressa de infinitas maneiras, o pensador atesta que alma e corpo não são substâncias finitas, mas modos diferentes – corpo (atributo extensão) e alma (atributo pensamento) – de uma única realidade. A alma não pode existir sem o corpo. Não há hierarquias entre os atributos, mas estes são expressões diferentes da mesma realidade, ou seja, se manifesta na diferença. Para Spinoza, todos os atributos são perfeitos. Perfeição no sentido metafísico e não moral. É afirmar que não existe ausência/falta. Enquanto modos finitos somos aquilo que somos determinados a ser, decorrente do infinito, como a natureza é decorrente de Deus, ou seja, ela é perfeita. Não falta nada a cada atributo que é uma consequência da potência divina. Portanto, tudo se realiza plenamente no que pode ser feito a cada momento.





A Origem e a Natureza dos Afetos:

Toda afetividade humana que nasce do exercício do conhecimento, ou seja, da razão é um afeto ativo. Este, por sua vez, é sempre alegre e, portanto, aumenta a potência de agir, mas há aqueles que originam da imaginação – o corpo é afetado pela imagem daquela pessoa ou objeto que possui uma carga afetiva – são todos chamados passivos que podem ser alegres ou tristes. No segundo caso, diminui a potência. Para entendermos como acontece a atividade e a passividade humana, precisamos compreender o que é causa *adequada* e a *inadequada*. No primeiro caso, trata-se de afirmar que a causa é a condição suficiente para a explicação integral daquele efeito. No segundo fato, significa afirmar que há parcialidade, ou seja, a produção do efeito aconteceu em conjunção com outra causa. A causa inadequada é necessária, mas não suficiente para originar/fabricar um feito. Com base nesta distinção, podemos afirmar que ser **ativo** ou **causa adequada**, é ser capaz de produzir um efeito que poderá ser explicado por nossa essência e que ser **passivo** ou **causa inadequada** ou **parcial**, é afirmar que o efeito não se explica somente pela nossa natureza, há uma dependência com algo que não sou eu.

Segundo Spinoza:

Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só. (EIIIDef1)

Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial. (EIIIDef2)

Do ponto de vista da conduta humana, a noção de independência é autonomia e a passividade é heteronomia ou servidão. Esta distinção é fundamental para compreender a ética de Spinoza. Afecção não se explica somente pela natureza do corpo humano onde pode residir a passividade, mas também não se está isento de contribuição causal. Trata-se então de uma causalidade mutilada, quer dizer, a natureza do meu corpo mais a natureza do corpo do outro produz uma afecção confusa.





Para resolver esta equação, Spinoza vai afirmar que a essência de algo é a sua potência. Os seres finitos têm grau de potência que é um poder de afetar e ser afetado. A cada momento, a potência é preenchida por afetos, eles variam a potência de agir no corpo ou a de pensar na alma. Eles podem ser ativos, portanto, autônomos, referem-se às ideias adequadas (razão ou ciência intuitiva) estão diretamente ligados à ética e à liberdade, ou passivos, alude às ideias imaginativas – resultando da interação do corpo e da alma com o mundo exterior -, reporta-se às nossas paixões.

O homem não tem poder absoluto sobre suas ações e paixões. Ele não está acima das ocorrências naturais. Com base nesta afirmação, Spinoza demonstra que é impossível a ataraxia. As paixões são reflexos da nossa relação com o mundo exterior, não são pecados, embora quando excessivas são prejudiciais e alienantes. É preciso inverter esta relação de forças ou dosar, mas não eliminá-las. É a defesa da naturalidade e da mediação. Para o pensador em questão, não há dicotomia entre razão e afeto, o que existe são afetos racionais e passionais. A razão também possui volições, como por exemplo, o desejo de saber e conhecer. O desejo é o princípio dinâmico fundamental cuja potência gera alegria ou tristeza no homem. Conclui-se que os afetos primitivos são: desejo, alegria e tristeza. As derivações destes são o amor e o ódio. Para acontecer a passagem dos afetos primitivos para os derivados é preciso representações, ou seja, as ideias.

Por ser um monista Spinoza atesta que só há uma substância que produz os seres finitos. Estas mudanças aparecem nas diferentes modificações da nossa potência que resulta distintos afetos, portanto, há uma multiplicidade na vida afetiva que possui uma única raiz. Há afecções derivadas da essência, portanto ativas e aquelas que interagem com o mundo, por consequência passivas. O que está contido na essência não tem o poder de destruição, ela não traz consigo a contradição, esta vem do mundo exterior, daí que as paixões tristes podem nos aniquilar. Por este motivo, Spinoza afirma que não existe um princípio interno da pulsão pela morte. Toda negatividade vem de fora. O ápice da servidão humana traduz-se no suicídio. O esforço que o ser humano faz para demolir o estado que leva a esta tensão entre



afetos chama-se **conatus**¹, ou seja, é o vigor utilizado para destruir tudo o que promove a nossa destruição. Trata-se do empenho para perseverar no *ser* e não no *estado*. Representa a nossa auto-conservação, potência.

Segue daí:

Nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior. (EIIIP4)

À medida que uma coisa pode destruir uma outra, elas são de natureza contrária, isto é, elas não podem estar no mesmo sujeito. (EIIIP5)

Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser. (EIIIP6)

O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual. (EIIIP7)

A essência da mente humana é constituída por ideias adequadas (intelectuais – razão e ciência intuitiva) e inadequadas (imaginação), o **conatus** (potência ou esforço) recebe diferentes designações por referir-se à mente e ao corpo. Na primeira situação recebe o nome de **vontade** que ajuda a perseverar no ser, deste modo não há livre-arbítrio. Quando leva em conta a mente e o corpo, leva o nome de **apetite**. Este quando acompanhado de consciência é chamado de **desejo**². Para Spinoza não é porque julgamos que algo é bom que somos levados a desejá-lo, mas, ocorre o contrário, julgamos porque desejamos. Esta é a origem dos nossos valores. Por isso, nada é bom ou ruim em si mesmo, é o **conatus** que será a raiz dos nossos valores. Percebemos o esforço para perseverar no ser devido aos nossos estados mentais e corporais. Se ocorre algo em nós, percebemos e sentimos, por isso, sermos conscientes. A consciência acompanha os impulsos, mas não os determina.

Ao fazer parte deste mundo, o homem sofre modificações que irão atingir os afetos primitivos, ou seja, o seu desejo será jogado de um lado para o outro formando afetos derivados. Quando a alegria é responsável pelo aumento de potência em uma determinada

¹ O esforço para perseverar no ser – **conatus** – é a base/fundamento de todo e qualquer tipo de valor, seja ele um juízo racional ou imaginativo, então, pode-se dizer: **eu acredito** que isso é útil para o meu esforço, para perseverar no ser – acredito concordando com a imagem. Ou, afirmar: **eu sei** que tal coisa é útil para preservar no ser. Este é o critério da razão.

² Desejo humano não é marcado por carência. Spinoza caracteriza como impulso originário para realizar o que podemos para nossa conservação e auto-realização. Não é uma falta constitutiva. Para o pensador da positividade, somos seres finitos e necessitamos de outras coisas para existir.



parte do corpo, ou seja, quando é parcial ou local, chama-se prazer e/ou excitação. Na totalidade, intitula-se bom humor ou boa disposição ou felicidade. No caso da tristeza, ao referir-se a uma parcela do corpo denomina-se dor e ao ser afetado de forma global designa-se/classifica-se melancolia.

Estas mudanças concernentes ao indivíduo que por natureza é complexo estão diretamente ligadas às suas paixões. O importante é persistir nas gradações existentes buscando perseverar e aumentar a potência do ser. Sabe-se que a felicidade abrange a alegria que, por sua vez, engloba o prazer. Este, apesar de ser agradável e positivo, é momentâneo e atinge somente uma parte que pode ser conquistada em detrimento do todo, conseqüentemente gerará desarmonia no corpo. Quando atinge à totalidade, não há excessos. A alegria diretamente é sempre algo bom. Ela domina a tristeza porque é o fundamento, ou seja, o **conatus** que por sua vez, é a potência da vida e o fundamento dos valores. Portanto, se a vida é o fundamento de todos os valores, deduz-se que o que favorece o meu esforço vital é bom. Por este motivo, diretamente, todo prazer é bom, mas indiretamente do ponto de vista global pode desequilibrar e, a tristeza diretamente ou parcialmente é ruim, mas indiretamente pode servir para corrigir o que é do âmbito da totalidade, ou seja, da harmonia do indivíduo. O ser humano – que é uma totalidade oriunda de diversas partes corporais – representa também uma parte da sociedade, ele existe de forma situada que faz variar seus desejos, daí o conflito entre seres finitos. O corpo vivencia a transição que pode aumentar (alegria) ou diminuir (tristeza). No primeiro caso, quando acompanhado da ideia de um objeto exterior que julga ser a causa da alegria chama-se **amor**. O **ódio** é o resultado da tristeza aderida ao objeto exterior que supõe ser a causa de tal sentimento. Verifica-se, portanto, que há uma projeção. Utilizando a mesma estrutura, podemos observar que certos objetos exteriores, tais como: dinheiro, alimentação, música, animais, trabalho, estudo... podem ser fonte de prazer ou tristeza. Tudo dependerá do auxílio que as ideias da imaginação desempenharão durante o percurso.

Em virtude do aspecto subjetivo, há também a relatividade, pois o que alegra alguns pode entristecer outros e vice-versa. O núcleo cognitivo da ideia está presente na imaginação. Esse ato de transitar através da ideia imaginativa para mais ou para menos não representa o





resultado final. Julgar que algo em si é a causa da alegria ou da tristeza sem levar em conta o entorno tende a reforçar o vínculo afetivo com este objeto. Ao menosprezar o contexto, reforça-se a relação obsessiva e/alienante com o objeto. É na imaginação que se origina a crença de que os objetos podem ser bons ou maus por si mesmo. Esta projeção nas coisas exteriores gera a alienação; somente a reflexão é capaz de transformar paixão em ação. Quanto mais se compreende uma paixão, ou seja, quando a razão aponta diferentes causas, transformando-as em verdadeiras, mudando paixão em ação. Não se trata de uma questão de liberdade da vontade, mas de potência. Conclui-se então, que há ideias imaginativas (confusas) e racionais (claras), sem elas só existiriam as sensações.

Afirma Spinoza:

A mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo. (EIIIP12)

Devido à complexidade humana, um corpo pode sofrer uma afecção pelo que Spinoza chama de **princípio de associação ou semelhança**. Isto significa afirmar que a alma pode ter em mente a ideia de dois objetos – para efeito de exemplificação, A e B -, porém, a alma quando reativar a ideia de A, automaticamente estará associada à ideia de B. Vale ressaltar que associar não é compor, mas ver os dois simultaneamente um ao lado do outro. Estas associações podem gerar aumento ou diminuição de uma potência dependendo do afeto afiliado ao objeto. Pode ocorrer de um objeto ser neutro, mas ao estar associado a outro que nos afeta, por acidente este objeto também nos afetará, ou seja, indiretamente, perde a sua neutralidade. A este fenômeno, Spinoza denomina de causa por acidente. Daí, ser possível explicar a simpatia ou antipatia por pessoas ou materiais que diretamente são neutros, mas por associação nos abalam. O grau de intensidade pode variar. Tudo dependerá do processo de gradação. Há combinações múltiplas, mas, devemos estar atentos para o fato de que a neutralidade de um afeto que empiricamente pelo processo de associação ou semelhança é capaz de conceber distintos afetos causados/motivados pelas ideias imaginativas, quer dizer, da forma como imaginamos o objeto diante de nós suscita diferentes afetos. O pior dos graus é quando ficamos divididos por afetos contrários, ou seja, é quando surge a **dúvida** que para o autor em questão é definida como uma passividade ou flutuação entre crenças e estados





cognitivos contrários; no caso afetivo, é flutuação de ânimo. A dúvida entre desejos contrários é capaz de paralisar o indivíduo e pode levá-lo a conflitos internos e éticos.

A imagem formada na imaginação afeta o corpo, se for atualizada, continuamos a imaginar. Nosso conhecimento da duração dos fatos é muito inadequado, pois jamais temos a certeza absoluta do que irá acontecer num breve futuro. Não conhecemos as leis da natureza e a sua complexidade. Fazemos associações pautadas na nossa experiência e observação que nos faz acreditar ou prever certos acontecimentos do cotidiano. São as nossas probabilidades que seguem uma cadeia associativa. Para haver certeza é preciso que haja uma demonstração. O que temos é conhecimento imaginativo ou inadequado, portanto parcial que pertence ao conhecimento adequado que está presente no intelecto infinito de Deus.

Cadeias de imagens correspondem à ideias imaginativas na mente que geram efeitos na afetividade. Criamos uma expectativa em função de um hábito. O que confere coeficiente de realidade é que não há contrariedade entre os elos desta cadeia de acontecimentos. Quando este hábito não se repete devido à complexidade passamos a acreditar na contingência do futuro. Uma alegria ligada à ideia futura cujo desenlace é incerto denomina-se esperança, ou seja, desconhecemos o resultado. A tristeza vinculada a uma ideia passada ou futura cujo desfecho é incerto chama-se medo. Portanto, não é possível existir esperança sem medo. Se estes sentimentos fossem diluídos, restaria a convicção. A incerteza é o resultado do embate entre ideias contrárias que nos deixa oscilando entre a esperança e o medo. Trata-se, então, da ambivalência afetiva, quer dizer, sentimos ódio e amor pelo mesmo objeto.

Afirma Spinoza:

Se imaginamos que uma coisa que habitualmente nos afeta de um afeto de tristeza tem algo de semelhante com outra que habitualmente nos afeta de um afeto de alegria igualmente grande, nós a odiaremos e, ao mesmo tempo, a amaremos. (EIIIP17)

O homem é afetado pela imagem de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente. (EIIIP18)

Quem imagina que aquilo que ama é destruído se entristecerá; se, por outro lado, imagina que aquilo que ama é conservado, se alegrará. (EIIIP19)





A gênese de nossos afetos sociais funciona como uma espécie de “chão comum” para a sociabilidade afetiva como também para os conflitos. Há uma espécie de espelhamento entre os homens muito comum em sociedade, principalmente na de consumo onde a propaganda cria necessidades e vende objetos “milagrosos” que são finitos e temporais levando os indivíduos a desejarem o mesmo bem, daí o conflito em forma de **inveja, vaidade e ciúme**. Esta disputa pelo objeto tão desejado leva o ser humano à ambivalência, ou seja, ao adquirir o bem e seu desejo é reforçado pelo fato de todos desejarem a mesma peça, portanto, há o sentimento de alegria porque existe uma valorização pela conquista que é o resultado da competição entre os indivíduos. Conclui-se que não há tranquilidade no espírito porque os bens são finitos e temporais. A posse não é definitiva, daí as gradações afetivas. Portanto, a imaginação e a paixão são instáveis.

A imaginação é a mediação entre os afetos. Alimentamo-nos de uma crença imaginária. Podemos imaginar algo como possível, necessário ou contingente que atingirá nossos afetos de forma distinta. Ao sermos contemplados ou quando executamos uma atitude contingente, amor e o ódio se intensificarão de acordo com o gesto, pois, acreditamos na possibilidade de escolha, algo que não ocorre quando sofremos ou praticamos algo pautado na necessidade. Há também as relações que não são imaginárias, trata-se do amor intelectual, portanto, estável/sólido que está relacionado a um objeto infinito que pode ser partilhado por todos, ou seja, Deus, substância ou natureza naturante. A natureza faz com que o desejo pessoal seja semelhante ao do outro, daí não existir conflito, pois o que é infinito e eterno não gera confrontos.

Conclui-se que as paixões podem ser alegres ou tristes. A carga valorativa é relativa, pois a princípio nada é bom ou ruim por si mesmo. Considera-se como bom tudo aquilo que alegra e contribui para perseverar no ser e mau justamente o inverso. Como ser singular, o indivíduo tem propriedades comuns com os outros, mas também possui modificações variáveis que estão diretamente ligadas à imaginação. Mas, este fato é determinado pela força afetiva, e, esta o homem não escolhe.

Enquanto julgamos os fatos bons ou ruins de acordo com a maneira com que fomos afetados, a tendência é a discordância entre os seres. Quando afetados de forma comum, há





convergência, o favorecimento do nosso esforço enquanto seres racionais. A razão solicita que se conserve no ser tudo o que for útil e bom para todos. Os desejos intelectuais levam a buscar o que é útil para o conjunto/globalidade e não somente para o individual. Na imaginação, o prazer é localizado, daí, variar de pessoa para pessoa. Spinoza acredita que mesmo mantendo a relatividade dos valores da imaginação – que não é a perspectiva última – podemos a maneira dos geômetras, reconhecer que a razão é verdadeiramente coletiva e positiva, pois todos os seres humanos compartilham deste bem. O conhecimento intelectual promove alegria que permite fazer um juízo do valor útil. Quando o indivíduo percebe racionalmente que o objeto desejado não favorece o desenvolvimento global, e, ainda assim, segue buscando o prazer, percebe-se que se trata de um servo, demonstra que a paixão é maior que a razão. Para Spinoza, as paixões existem em nós e marca a nossa dependência ao mundo, mas não fazem parte da nossa essência. Ao vencer as paixões, demonstra-se um sinal de potência.

A ética da transformação nos ajuda a suprimir o que não existe em nós ou moderá-lo. Somos existência majoritariamente autônoma (essência) ou heterônoma (dependente). Não se trata de eliminação, mas de moderação. A virtude nessa equação é ser ativo, o que significa conhecer adequadamente. A alegria e a felicidade não vêm sem esforço. Do ponto de vista dos desejos intelectuais é a perspectiva onde o juízo de valor pode alcançar uma intersubjetividade, ou seja, o que é bom para um indivíduo será partilhado por todos. O desejo racional fixará a norma para que se possa fazer uma avaliação das paixões, verificando o que é útil para o desenvolvimento de conhecer; ao fazer isso, analisamos as nossas próprias paixões. No caso das paixões tristes, elas representam obstáculos para perseverar no ser, diminuem a nossa potência do corpo e da alma. Nada em uma paixão triste nos convida a perceber o que há de comum entre o indivíduo e o objeto exterior, que dizer, não há compatibilidade. O afeto alegre nasce da razão que é propriedade comum a todos, sendo assim, favorece a composição. Na medida em que as condições forem favoráveis, amplia-se o conhecimento, organiza-o juntamente com os objetos exteriores. Desta forma, evitam-se os maus encontros e favorece aos bons (com as pessoas e o mundo). A razão neste caso não é instrumental como a de Hobbes. Aqui, vive-se para conhecer e, conseqüentemente, conhece-se cada vez mais. É o fim último porque trata-se de uma alegria constante e estável.





É uma potência que não depende de aspectos exteriores e nos leva a perceber que somos uma parte da natureza naturada. A compreensão verdadeira da potência ocorre quando compreende-se que a felicidade de ser está diretamente acompanhada da ideia de natureza como causa da alegria. Percebe-se então, que a potência dos seres finitos é uma parte finita da substância divina. Trata-se de uma ética da felicidade – que promove o indivíduo na sua totalidade (mente e corpo) – e não do prazer.

A Escola como Espaço das Paixões Alegres:

Acompanhando o cotidiano escolar – algo que exerço desde 1998 como pedagoga – e, atualmente, como pesquisadora e docente de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro, nota-se cada vez mais que os alunos assumem os discursos elaborados pelas propagandas midiáticas ausente de uma perspectiva questionadora e crítica. Aspectos fundamentais na formação do ser humano. Assim, o que observamos – em diversas situações – é uma passividade que diminui a capacidade de pensar, e, conseqüentemente, a ação no mundo. Desde os gregos, observa-se que não existia vida política apartada de tal atividade, pois, estes acreditavam que o homem só poderia ser plenamente humano no exercício da cidadania e que se estendia às instituições sociais. Neste trabalho, destacaremos a escola e seus atores.

Diante de um mundo pautado pela competitividade insana que a todo instante cobra resultados e pouco se preocupa com o processo, pelo consumo desenfreado, pelo uso recorrente e viciante da tecnologia que transforma a vida alienante, torna-se desafiador recorrer ao pensamento da potência defendido por Spinoza.